



Manuel Bandeira e os escritores portugueses

Manuel Bandeira and the Portuguese Writers

Rui Moreira Leite

miraleite@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-0686-3697>

Resumo: Este texto apresenta os contatos de Manuel Bandeira com escritores portugueses, reúne referências à divulgação de sua obra e do seu interesse pela literatura lusitana; e revela suas relações com os exilados portugueses no Brasil.

Palavras-chave: Manuel Bandeira; literatura brasileira; literatura portuguesa; século XX.

Abstract: This text presents Manuel Bandeira's contacts with Portuguese writers, brings together references to the dissemination of his work and his interest in Lusitanian literature; and reveals his relations with Portuguese exiles in Brazil

Keywords: Manuel Bandeira; brazilian literature; portuguese literature; XXth century.

1 O contexto das relações iniciadas na década de 1930

Ao apresentar os contatos de Manuel Bandeira (1886-1968) com escritores portugueses¹, cabe situar a relação entre as literaturas

¹ As fontes da documentação original referidas neste artigo são as seguintes:

A correspondência passiva conservada de Bandeira se encontra no Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Casa de Rui Barbosa e está relacionada no volume *Inventário*

portuguesa e brasileira no período. Estes contatos sempre existiram entre escritores dos dois lados do Atlântico, mas a partir da década de trinta do século vinte surge um fenômeno novo. É quando as obras dos brasileiros passam a ser apresentadas aos leitores portugueses e editadas em Portugal a partir do esforço de divulgação realizado pelos animadores da revista *presença*, como sublinha o poeta e crítico Casais Monteiro (1908-1972) em sua “Saudação a José Lins do Rego” realizada em Lisboa em 1951 (Monteiro, 1964, p. 181-185).

A publicação de Coimbra, cuja duração se estendeu de 1927 a 1940, teve duas fases bem distintas. A primeira, quando contou com a participação de Branquinho da Fonseca (1905-1974), Edmundo Bettencourt (1899-1973) e Miguel Torga (1907-1995) – além de José Régio (1901-1969) e João Gaspar Simões (1903-1987) – e a segunda quando, diante do afastamento dos três primeiros, Casais Monteiro foi convidado a integrar a direção do periódico.

E, ainda que o modernismo português se manifeste anos antes do brasileiro, teve que aguardar esta geração identificada à revista para se impor. E nesse quadro é importante lembrar que a obra de Fernando Pessoa (1888-1935) só começa a ser publicada em livro em 1942, com a antologia organizada por Casais Monteiro (Monteiro, 1942) e com o primeiro volume das *Obras Completas* de responsabilidade de Luís de Montalvor (1891-1947) e João Gaspar Simões (Montalvor;

do Arquivo Manuel Bandeira. (Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Centro de Literatura Brasileira, 1989). Algumas cartas avulsas se encontram no Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

Suas cartas a Adolfo Casais Monteiro e Alberto de Serpa encontram-se respectivamente nos Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal e na Biblioteca Municipal do Porto, que adquiriu toda a correspondência de Alberto de Serpa com escritores brasileiros. Os títulos conservados da biblioteca de Manuel Bandeira podem ser localizados na biblioteca da Academia Brasileira de Letras, as dedicatórias podem ser acessadas na ficha detalhada dos volumes.

A correspondência com Jorge de Sena encontra-se publicada: Gilda Santos; Eduardo dos Santos Coelho (2003); assim como as cartas de Bandeira a Alberto de Lacerda se encontram transcritas por Luís Amorim de Sousa (2012).

A correspondência de Bandeira com Fidelino de Figueiredo está arquivada no Centro de Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo.

Os cartões de Mário de Andrade e Manuel Bandeira dirigidos a Jaime Cortesão encontram-se nos Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal.

Simões, 1942). De Sá Carneiro (1890-1916) a *presença* publicaria o volume inédito *Indícios de Ouro* (1937) e reeditaria *Dispersão* (1939). A primeira edição dos escritos teóricos de Pessoa, *Páginas de Doutrina Estética*, devida a Jorge de Sena (1919-1978), foi publicada apenas em 1946 (Sena, 1946).

Assim, a poesia brasileira moderna desempenha um papel importante em Portugal neste período (Sena, 1988, p. 125-153), e perdem relevância contatos anteriores como aquele realizado por Luís de Montalvor no Rio de Janeiro – que explica os nomes de Ronald de Carvalho (1893-1935) e Eduardo Guimaraens (1892-1928) no quadro dos organizadores da revista *Orpheu*. O no. 1 da *Orpheu*, no qual estão relacionados à publicação, é ainda um registro de poesia simbolista – o número moderno da revista é o segundo, com as contribuições de Pessoa e Sá Carneiro.

As relações dos portugueses com Bandeira se iniciam através de Ribeiro Couto (1898-1963). Ainda como auxiliar de consulado em Marselha – e estimulado por Pierre Hourcade (1908-1983), estudante universitário francês, anos mais tarde diretor do Instituto Francês em Lisboa – faz contato com a publicação e envia exemplares de dois títulos publicados em 1930: *Alguma Poesia* de Drummond (1902-1987) e *Libertinagem* de Manuel Bandeira. A partir daí, se firma seu longo relacionamento com Casais Monteiro, que atravessa os anos e conhece apenas um estremecimento, registrado no período em que Couto vive em Lisboa (Moreira Leite, 2016).

2 A aproximação de Bandeira a Casais Monteiro e Alberto de Serpa

É possível remontar ao início da relação de Manuel Bandeira com os escritores portugueses nas correspondências com Casais Monteiro e Alberto de Serpa (1906-1992), ainda inéditas.

Esta aproximação se inicia através de Ribeiro Couto, enquanto, em paralelo, outra se realiza a partir do vínculo entre José Osório de Oliveira (1900-1964) e Mário de Andrade (1893-1945). José Osório divulgava a literatura brasileira em Portugal já desde a década de 1920².

² As vinte e duas cartas de Mário de Andrade enviadas a José Osório de Oliveira e duas a Raquel Bastos acham-se reunidas (Saraiva, 1986). Trecho de uma carta dedicatória

Ribeiro Couto teria sido também fundamental para a aproximação de Bandeira com José Osório de Oliveira e o irmão João de Castro Osório (1899-1970), e o envio de dois poemas inéditos para a revista que publicaram na década de 1930, *Descobrimento* (1931-1932)³. Não há correspondências relativas a esta aproximação, nem os volumes de José Osório de Oliveira da biblioteca de Bandeira são dedicados – o que sugere um contato indireto.

Bandeira envia poemas à *Revista de Portugal* (1937-1940)⁴ dirigida por Vitorino Nemésio (1901-1978) no período em que esta tem como secretário a Alberto de Serpa, e estreitos vínculos com o grupo da *presença*⁵ – situação que se estende até o número quatro, de julho de 1938.

Casais Monteiro editará o semanário *Mundo Literário* (1946-1947), em momento pouco posterior àquele no qual José Osório esteve como secretário da revista *Atlântico* (1942-1945), durante a II Guerra. Todos eles seriam organizadores de antologias de poesia brasileira: Casais desenvolveria com Ribeiro Couto o projeto de uma *Antologia da Poesia Moderna Brasileira* que não seria concluída e cujos originais se encontram em seu espólio na Biblioteca Nacional de Portugal⁶. José Osório de Oliveira publica uma *Pequena Antologia da Moderna Poesia Brasileira* (1944) reunindo os poemas editados na revista *Atlântico* e o volume *Líricas Brasileiras séculos XIX e XX*⁷ (1954). A mesma editora dera à estampa o volume de Alberto de Serpa *As Melhores Poesias Brasileiras*⁸ (1943). Da antologia de poesia moderna organizada com Ribeiro Couto, Casais dá a conhecer as páginas dedicadas a Murilo Mendes (1901-1975), Alphonsus Guimaraens Filho (1918-2008) e Vinicius de Moraes (1913-1980), que publica no semanário *Mundo*

e duas das cartas foram publicadas pelo próprio José Osório de Oliveira pouco depois da morte de Mário de Andrade.

³ Os poemas são “A filha do rei” e “Marinheiro triste” (Bandeira, 1931).

⁴ Os poemas são: “Desafio” e “Canção” (Bandeira, 1938).

⁵ Para esta encaminha o “Soneto inglês” (Bandeira, 1939), publicado em seu penúltimo número.

⁶ *Antologia de poesia moderna brasileira*. 183 p. acrescidas de uma carta de Augusto Meyer a Ribeiro Couto de 19 de março de 1927.

⁷ No primeiro dos volumes os poemas de Bandeira são “Último Poema” e “Estrela da Manhã”; no segundo este último, “Momento num Café” e “Eu vi uma Rosa”.

⁸ Que traz de Bandeira os poemas “Boda Espiritual”, “Os Sapos”, “Evocação do Recife”, “Vou-me embora p’ra Pasárgada”, “Canção do Vento e da Minha vida”.

Literário e, no volume *A Poesia da Presença* (Monteiro, 1959), insere a seção contemporâneos brasileiros.

Casais Monteiro é o marco da ligação com os portugueses: registra num primeiro momento em nota na *presença* as obras de Ribeiro Couto e Bandeira. Escreve a seguir seu pequeno ensaio sobre Couto publicado como *plquette* pela *presença* (Monteiro, 1935) e, em 1938, aquele dedicado a Bandeira publicado na *Revista de Portugal* e depois, revisto e ampliado, convertido no pequeno volume (Monteiro, 1943), completado com uma antologia.

Em 1954, obtém o convite para participar do Congresso de Escritores e Encontros Intelectuais, eventos organizados por ocasião do IV Centenário da Cidade de São Paulo – ocasião em que escolhe permanecer no Brasil como exilado voluntário. Drummond deixou um registro da chegada de Casais Monteiro em diário⁹.

Reside, após um breve período de permanência em São Paulo, no Rio, passa por alguns meses pela Universidade da Bahia em 1959, até se instalar em 1962 em Araraquara, onde leciona Teoria da Literatura por indicação de Jorge de Sena. Neste período continua seus contatos com Bandeira, e registram juntos a morte de Ribeiro Couto e de suas companheiras. Casais organiza para a Portugalía uma nova antologia de Bandeira (Monteiro, 1968), para a qual escreve outra apresentação.

Em paralelo a este contato, Bandeira estabelece uma ligação que se estende pelos anos com Alberto de Serpa. Inicialmente como secretário da *Revista de Portugal*, depois como alguém a quem recorre para obter os títulos de que necessita para seu curso no Colégio Pedro II e aqueles que solicita para seu amigo, o filólogo e linguista Sousa da Silveira (1883-1967). Do mesmo modo, Alberto de Serpa pediria a Bandeira que procurasse junto a livreiros no Brasil publicações que faltam ao professor António Salgado Jr. (1904-1989)¹⁰.

Em alguns registros Bandeira expõe como depende de total concentração para escrever, qualquer perturbação impede a cristalização

⁹ “**Agosto, 2** De manhã, Manuel Bandeira me telefona convidando para ir ver em seu apartamento Adolfo Casais Monteiro, em trânsito para São Paulo.” Na ocasião Casais fala de Régio, Torga e da situação de Goa V. (Andrade, 1985, p. 106).

¹⁰ António Salgado Junior responsável pela reconstituição das conferências do Casino, pelo estudo de *Menina e Moça* no quadro da novela renascentista e pela edição do *Verdadeiro Método de Estudar* de Verney.

do poema – “não por mal, porque o melhor de mim creio que já dei”¹¹ e, em carta de 10 de dezembro de 1953, Bandeira conta a Casais como sua nova vista após a mudança de apartamento inspira o poema “Lua Nova”.

3 A divulgação dos portugueses no Brasil e o impacto da obra de Fernando Pessoa

No Brasil acontece a correspondente contraparte destes contatos na segunda metade da década de 1930. O *Boletim de Ariel* (1931-1939), publicação dirigida por Agripino Grieco (1888-1973) e Gastão Cruls (1888-1959), vinculada à editora deste nome do Rio de Janeiro, acolhe a colaboração de autores portugueses e o próprio Bandeira (1936) publica uma resenha dedicada a *20 poemas da noite* de Alberto de Serpa e *Desaparecido* de Carlos Queiroz (1907-1949). Casais tem republicado o artigo “O exemplo de Fernando Pessoa” (1938)¹² e José Osório de Oliveira registra títulos de Casais Monteiro (1936 a)¹³ e a partida para o exílio do romancista Rodrigues Miguéis (1901-1980) (1936 b).

O periódico tem a publicação interrompida, mas a *Revista do Brasil* em sua 3ª. fase (1938-1943), dirigida por Octávio Tarquínio de Souza (1889-1959), a substitui como espaço privilegiado de contribuição dos escritores portugueses. Casais Monteiro é o escritor com maior número de colaborações, com sete artigos. Lúcia Miguel Pereira (1901-1959), a partir do número treze, responde pela seção Letras Portuguesas.

Já então tem continuidade a inserção de textos relativos à obra de Fernando Pessoa; como o artigo de João Gaspar Simões “Apresentação de Fernando Pessoa” (1938). A partir de finais da década de 1950 alguns dos exilados portugueses, caso de Casais Monteiro (1958), Jorge de Sena¹⁴ e Agostinho da Silva (1906-1994) (1959) publicam textos acerca do poeta.

Este interesse que contribuem para despertar cristaliza-se na edição Aguilar, preparada por Maria Aliete Galhoz (1929-2020) (1960),

¹¹ Carta a Alberto de Serpa, 30 dez. 1941.

¹² Originalmente dado à estampa no *Diário de Lisboa*.

¹³ Referindo o volume de ensaios *Considerações Pessoaais* (1933) e os *Poemas do Tempo Incerto* (1934).

¹⁴ Em artigos para a seção “Letras Portuguesas” do Suplemento Literário d’*O Estado de S. Paulo*.

correspondente frequente de Bandeira, de quem se registram dezesseis itens no arquivo e dedicatórias na biblioteca.

Bandeira acompanha as publicações dedicadas ao poeta desde pelo menos a divulgação do número especial de homenagem póstuma da *presença*, com a apresentação de Carlos Queiroz dos “fragmentos de algumas cartas de amor de Fernando Pessoa”(1936). Este poeta era sobrinho de Ophélia, a destinatária da correspondência e, em colaboração com ela, organizou esta seção no número da revista.

No curta metragem de Joaquim Pedro de Andrade (1932-1988) – *O poeta do Castelo* (1959) – Bandeira aparece exibindo o volume de Jorge de Sena *Da Poesia Portuguesa*, que contém o texto da conferência “Fernando Pessoa, indisciplinador de almas” (1959, p. 171-92)¹⁵.

4 Fidelino de Figueiredo e a balada “Um retrato da morte”

Fidelino de Figueiredo (1888-1967) é dos primeiros portugueses a chegar ao Brasil, ainda na segunda metade da década de 1930, Integrado inicialmente à Universidade de São Paulo e, posteriormente, à Universidade do Brasil no Rio de Janeiro, tem um papel notável nos estudos da área de letras, na qual atuou por cerca de quinze anos.

A correspondência de Bandeira com Fidelino é a mais volumosa no arquivo, com vinte e quatro itens, e terá sido a relação mais desenvolvida com as figuras desta geração, estendendo-se à família.

Bandeira proporia a candidatura de Fidelino à Academia Brasileira de Letras, quando foi derrotada – pelo que o poeta de Pasárgada não a reapresentou, o que coube a Alceu Amoroso Lima (1893-1983) – o que garantiu a eleição e deu a Bandeira oportunidade de divertir-se com as escaramuças levantadas contra a candidatura rival, em carta muito divertida.

Em missiva de 9 de abril de 1946 escreve Bandeira: “Meu querido amigo e mestre Fidelino, recebi este número de maio (só agora saiu) da revista *Província de São Pedro*. Lá está o nosso poema do “Homem e a Morte” (Bandeira, 1946). Nosso, mais do que meu, porque sua é a substância dele”.

Trata-se da *Província de São Pedro*, publicação da Livraria do Globo de Porto Alegre com direção de Moysés Vellinho (1902-1980), onde o poema é publicado com a nota que o acompanha na edição em

¹⁵ Conferência lida no Ateneu Comercial do Porto, 12 dez. 1946.

livro – integrado em *Belo Belo*, na nova edição das *Poesias Completas* (Bandeira, 1948) – e que esclarece ser um “romance desentranhado de ‘Um retrato da morte’ de Fidelino de Figueiredo”. No registro deixado por Fidelino: “Do segundo painel desse pequeno tríptico desentranhou Manuel Bandeira uma linda balada, “O homem e a morte”. Aqui lhe deixo um pensamento afetuoso” (Figueiredo, 1951, p. 192). Nenhuma das duas primeiras edições d’*Um colecionador de angústias* traz a indicação da publicação original dos ensaios reproduzidos.

[...]

“Como a velhice seria santa e sublimada, se fosse apenas a espera desta boa Morte, que nos olha com os olhos mais amados da vida e nos afaga com as mãos mais amadas, as que nos afagaram, abençoaram e adormeceram nos anos remotos do medo de viver! – comentava D. João no fim da sua confidência, como a extrair a moralidade de uma fábula obscura”.

[...]

“E o Anjo foi-se aproximando
A frente do homem tocou,
Com infinita doçura
As magras mãos lhe compôs.
Depois com o maior carinho
Os dois olhos lhe cerrou...
Era o carinho inefável
De quem ao peito o criou.
Era a doçura da amada
Que amara com mais amor”.

7 dezembro de 1945

5 Jaime Cortesão e o centenário de Antero de Quental

Jaime Cortesão (1884-1960) é das mais notáveis figuras da resistência em Portugal, e participa da tentativa de derrubada do regime que se impôs com o golpe militar em 1926 a partir da cidade do Porto já no ano seguinte. Derrotado, retira-se para a Espanha e depois para Paris – que deixa pelo Brasil quando a França é invadida pela Alemanha nazista em 1940.

Em seu exílio brasileiro o historiador organiza a documentação da Marinha e do Itamaraty, publicando e anotando conjuntos de documentos

e preparando a revisão da história do descobrimento do Brasil e da conquista territorial (Cortesão, 1944, 1952, 1958). Nas festividades do IV Centenário da Cidade de São Paulo em 1954 organiza a exposição *História de São Paulo no Quadro da História do Brasil* que combina a apresentação de documentos e objetos originais a modelos, réplicas e painéis criados especialmente para a ocasião por um notável conjunto de artistas portugueses e brasileiros.

Bandeira o apresenta a Mário de Andrade através de bilhete datado de 12 de abril de 1940 como se pode verificar pela *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira* (Moraes, 2000, p. 653)

No espólio de Jaime Cortesão conserva-se um bilhete não datado de Mário de Andrade que podemos imaginar seria posterior a este primeiro contato¹⁶.

A correspondência de Jaime Cortesão no espólio de Mário é já uma carta de duas páginas, datada de 17 de setembro de 1943, para tratar de literatura e edições.

Bandeira e Fidelino organizariam volumes dedicados a Antero, no ano de seu centenário, para a coleção Clássicos e Contemporâneos da editora Livros de Portugal, dirigida por Jaime Cortesão: o primeiro dedicado à poesia (Bandeira, 1942), o segundo aos escritos do poeta (Figueiredo, 1942).

Em diferentes momentos Bandeira os saudará em versos de circunstância: o primeiro consta já da primeira coletânea de *Mafuá do Malungo* (Bandeira, 1954).

“Jaime Cortesão”

Honra ao que, bom português
Baniram do seu torrão:
Ninguém mais que ele cortês,
Ninguém menos cortesão.

E incorporado mais adiante o outro, vinculado a uma manifestação de Fidelino sobre Antero:

¹⁶ “Caro amigo Sr. Jaime Cortesão, o tratamento a que me sujeitei deixou-me fortemente traumatizado. Não tenho podido sair de casa, com grandes dores, muito abatido. Fiz questão, porém, de vir até o hotel, lhe dar o meu bom dia afetuoso. Prometo-lhe telefonarei cedo para saber de sua partida. Se não conseguir vê-lo mais, aqui lhe deixo a minha admiração grata e amiga. Mário de Andrade”.

“Fidelino Figueiredo”

Fidelino Figueiredo,
 Fidelíssimo e sincero,
 Ser-me-á prazer superfino
 Ler o retrato do Antero;
 Mas como é de bom ensino
 Desde já mandar eu quero
 Ao mestre que amo e venero
 Meu abraço manuelino.

O próprio Cortesão assinaria em 1943 com Bandeira um Caderno da *Seara Nova*: “Glória de Antero”, na verdade a transcrição das falas pronunciadas a 18 de abril de 1942 no início das comemorações do centenário de Antero de Quental na sessão solene no Palácio da Associação Brasileira de Imprensa no Rio de Janeiro. Ocasão na qual Bandeira pronunciou a sua oração “Destino de Poeta”; seguido de Jaime Cortesão, com sua conferência “Remorso pela morte de Antero”.

Mais adiante encaminha o poema que integra a homenagem *A Teixeira de Pascoaes* (1877-1952) (AAVV, 1951) pela voz de escritores portugueses e brasileiros.

“Improviso”

Glória aos poetas de Portugal
 Glória a D. Dinis. Glória a Gil
 Vicente. Glória a Camões. Glória
 a Bocage, a Garrett, a João
 de Deus (mas todos são de Deus,
 e há um santo: Antero de Quental).
 Glória a Junqueiro. Glória ao sempre
 Verde Cesário. Glória a António
 Nobre. Glória a Eugênio de Castro.
 A Pessoa e seus heterônimos.
 A Camilo Pessanha. Glória
 a tantos mais, a todos mais.
 – Glória a Teixeira de Pascoaes.

Em 1953, na morte do poeta, os *Cadernos de Poesia* publicam um número especial, mas nesta ocasião com textos exclusivamente de escritores portugueses. No espólio de Jaime Cortesão é possível recuperar a única correspondência de Bandeira a ele endereçada que se conservou:

um cartão que acompanha a devolução dos volumes de Teixeira de Pascoaes que ele não entrega pessoalmente por estar de mudança para o apartamento da Av. Beira Mar que lhe inspira o poema “Lua Nova”, o que permite datar o bilhete de 1953¹⁷.

6 Rodrigues Lapa e *As cartas chilenas*

O medievalista Manuel Rodrigues Lapa (1897-1989) se estabelece no Brasil em 1957 e desenvolve aqui sua pesquisa sobre os árcades mineiros. A correspondência conservada é uma carta de 27 de agosto de 1952 e reporta-se exclusivamente à identificação de Gonzaga (1744-1810) como autor d’*As Cartas Chilenas*, em resposta ao artigo de Bandeira sobre o tema publicado na *Revista do Brasil* (Bandeira, 1940).

A carta de Rodrigues Lapa trata de um pormenor de estilo: a construção *havia fazer* (havia de fazer) que Bandeira não encontrara nem em Gonzaga, nem em Cláudio Manuel da Costa (1729-1789), e que Lapa registrara no *Direito Natural*, o tratado de Gonzaga, em “nada menos de 13 exemplos”. Anuncia pretender pronunciar-se sobre a questão das *Cartas Chilenas* e, sem resposta de amigos sobre o assunto, resolve “subir à fonte, em busca da verdade”.

Afinal, o resultado é a publicação do volume das obras completas – Tomás António Gonzaga (Lapa, 1957).

De outros poetas e intelectuais portugueses não há registro no arquivo – ou apenas um único documento, como António Quadros (1923-1993), que escreve para solicitar colaboração para o periódico *Acto*.

Contatos diretos Bandeira estabeleceu no Brasil com o poeta António Botto (1897-1959), que viveria aqui seus últimos doze anos – de 1947 a 1959 – e sobre quem Bandeira deixaria um depoimento em crônica e de quem sua biblioteca conserva dedicatórias. É a quem menciona nos versos de

¹⁷ “Caro amigo Jaime, aqui lhe devolvo com meus agradecimentos, os livros de Teixeira de Pascoaes. Pretendia levá-los pessoalmente, mas ando em preparativos de mudança (para outro apartamento no mesmo edifício) e por isso sem tempo para as devoluções. Irei muito breve vê-los. Receba com D. Carolina, as minhas saudades! Amigo velho, Manuel”.

“Balço de março de 1959”

Deixa Boto – última prova
Em sua terrena lida –
“Os movimentos da vida
Pelos silêncios da cova”.

Mas é também necessário verificar aqueles que teriam desenvolvido colaboração com o poeta, ainda que não constem de seu arquivo pessoal – tanto o da Casa de Rui Barbosa, quanto o da Academia – checando a biblioteca do poeta, incorporada à biblioteca da Academia Brasileira de Letras e com acesso direto.

Lá se encontra uma sequência de sete títulos de Miguel Torga dedicados, assim como ao acaso foi possível resgatar a dedicatória de Manuel Bandeira ao escritor português referente à sua passagem pelo Brasil em 1954, como um dos convidados para os encontros realizados por ocasião do IV Centenário de São Paulo em 1954¹⁸.

Outras dedicatórias registradas na biblioteca do poeta são a de Aquilino Ribeiro (1885-1963), Eugênio de Andrade (1923-2005) e aquelas de Sophia de Melo Breyner Andresen (1919-2004), que teve a oportunidade de vir ao Brasil em 1966 e encontrar-se com Bandeira e Drummond, encontro que registrou em sua correspondência com Jorge de Sena (Andresen; Sena, 2010).

7 Contatos com Jorge de Sena e Alberto de Lacerda iniciados nos anos de 1950

A estes contatos, acrescentam-se os dos poetas Jorge de Sena e Alberto de Lacerda (1928-2007). Jorge de Sena, a grande figura de intelectual português da segunda metade do século XX, era então engenheiro da Junta Autônoma de Estradas e um dos organizadores dos *Cadernos de Poesia* (1940-1953), publicação que lançou 15 fascículos de poesia e crítica dedicados a poetas consagrados e aos da nova geração. Alberto de Lacerda foi secretário e cofundador da publicação *Távola Redonda* (1949-1954)¹⁹, e a quem depois os *Cadernos de Poesia* dedicariam um número.

¹⁸ “Ao querido Torga com a admiração e amizade do Manuel Rio, 19. 8. 54” (1954a).

¹⁹ Publicação que recebeu para publicação o soneto inédito “Noturno do morro do encanto” (Bandeira, 1953), seguido de um número entono de “Vou me embora p’ra

A correspondência com Alberto de Lacerda no arquivo de Manuel Bandeira contém a carta comunicando a fixação de residência em Londres, onde se integrará à BBC (v. carta de 12 de setembro de 1952). Em resposta, Manuel Bandeira a 22 de novembro declara que gostaria de encontrá-lo lá, na companhia de Casais Monteiro. Solicita uma foto dos dois juntos. E anuncia a publicação das cartas que lhe foram endereçadas por Mário de Andrade, o que só sucederia seis anos depois. E cinco anos mais tarde o encontro se realiza – com Alberto de Serpa na companhia de Jorge de Sena, que realizava naquela ocasião um estágio sobre concreto armado. Visitam a poeta Edith Sitwell (1887-1964) e Manuel Bandeira é ciceroneado em Londres tanto por Alberto de Lacerda quanto por Jorge de Sena. Estas atenções recebidas de Alberto de Lacerda seriam retribuídas por Manuel Bandeira, que consegue para ele colaboração no *Jornal do Brasil*, comunicada em carta de 23 de dezembro de 1957. Obteve, além disso, que pudesse vir para um ciclo de conferências e leitura de poemas. Em carta de 17 de julho de 1959, Bandeira transfere para Alberto de Lacerda a tradução de um romance condensado, tarefa encomendada pelas *Seleções do Readers Digest*, com a hospedagem oferecida da casa de Maria de Lourdes Heitor de Souza e na sua, e o restante das despesas cobertas pela colaboração no *Jornal do Brasil*.

Manuel Bandeira registra suas andanças por Londres na companhia de Alberto de Lacerda em “Elegia de Londres” em primeira publicação de *Estrela da Tarde*, na sua edição de *Obras Completas* (Bandeira, 1958)²⁰. Assim como a visita à National Portrait Gallery e à Abadia de Westminster em companhia de Jorge de Sena na crônica “Eu vi a Rainha” (Bandeira, 1957).

Jorge de Sena se estabelece no Brasil como professor de Teoria de Literatura e depois como de Literatura Portuguesa nas faculdades do sistema isolado de ensino do estado de São Paulo – em Assis e em Araraquara. Como secretário do 2º. Congresso de Crítica e História Literária, chega a insistir com Bandeira que participe do congresso. Além disso, mantém contato com ele durante as visitas que faz ao Rio de Janeiro e o homenageia com um poema pelos setenta e cinco anos,

Pasárgada” (Bandeira, 1950) comentado pelos colaboradores da revista.

²⁰ O poema é dirigido a Jayme Ovalle e a certa altura traz a observação: “Sentiste que para pedestre de Oxford Street é preciso ser gênio e andarilho como Rimbaud? / Ou então português/ – Como o poeta Alberto de Lacerda?”.

tal como já havia feito na ocasião dos setenta anos dele, altura em que ainda estava em Portugal. Voltaria a dedicar-lhe um poema²¹ um ano depois de sua morte, quando já deixara o Brasil pelos Estados Unidos.

8 A tradução de *Macbeth* de Shakespeare

Na sequência da montagem de sua tradução de *Maria Stuart* de Schiller (1955), pelo TBC, com direção de Ziembinsky (1908-1978) e Cacilda Becker (1921-1969) no papel título, Manuel Bandeira recebe naquele ano a encomenda da tradução de *Macbeth*, pela mesma companhia teatral. Na biblioteca do poeta encontra-se o texto da edição crítica *Four great tragedies: Hamlet, Romeo and Juliet, Julius Cesar, Macbeth* (Doren, 1948), mas Bandeira declara ter-se servido daquela preparada por Kenneth Muir (1951).

A tradução não é aproveitada de imediato²² em função da crise do Teatro Brasileiro de Comédia, mas é possível observar, pela consulta à sua biblioteca, que Bandeira acompanhava os trabalhos paralelamente desenvolvidos por Péricles Eugênio da Silva Ramos (1919-1992), que vertia *Hamlet* (1955), e Onestaldo de Pennafort (1902-1987). Este último, agora se empenhava em sua versão de *Othello* (1956) a pedido da companhia Tônia (Carrero) (1922-2018) – (Adolfo) Celi (1922-1986) – (Paulo) Autran (1922-2007), e já realizara anteriormente, em 1937, a tradução de *Romeu e Julieta* (Pennafort, 1940).

E podemos encontrar entre os títulos da biblioteca *A tragédia de Macbeth/Shakespeare*, (1956) tradução e encenação do artista e animador cultural português António Pedro (1909-1966).

Pela correspondência com Casais Monteiro é possível verificar a preocupação de Bandeira com o ritmo dos versos tanto em *Maria Stuart* quanto em *Macbeth*. Ao concluir a tradução de *Maria Stuart* escreve em 4 de maio de 1955: “continuo a viver no ritmo dos decassílabos brancos”. Ao iniciar a de *Macbeth* em carta de 27 de outubro daquele ano diz procurar “traduzir no metro e em esquema de rima do original o colóquio das bruxas”.

²¹ “Morte de Manuel Bandeira” (Sena, 1982, 1988).

²² Em agosto de 1962 a Escola de Arte Dramática de São Paulo realiza a primeira montagem desta tradução, em espetáculo dirigido por Alfredo Mesquita no Teatro Francisco Nunes em Belo Horizonte.

No centenário de Shakespeare em 1964, a Fundação Calouste Gulbenkian faria uma solicitação²³ para o uso de sua tradução (Bandeira (trad.), 1955) nas atividades da comemoração, exemplificando as alterações a realizar no texto para eliminar as diferenças de expressão entre o português de Portugal e o do Brasil. A montagem do espetáculo seria realizada através de um subsídio oferecido à Companhia Amélia Rey-Colaço (1898-1999) Robles Monteiro (1888-1958) e contrato com o diretor Michael Benthall (1919-1974) e com o cenógrafo Michael Annals (1938-1990), segundo registra Carlos Wallenstein (1967). A tradução seria publicada em Portugal naquele mesmo ano (Bandeira (trad.), 1964).

9 A manifestação política na visita de Craveiro Lopes

Craveiro Lopes (1894-1964), militar e político português, presidente da República no período de 1951 a 1958, esteve em visita ao Brasil em 1957²⁴. Nesta oportunidade, Manuel Bandeira manifestou sua oposição à ditadura de Salazar (1889-1970).

Agora, os versos de circunstância de Bandeira:

“Craveiro dá-me uma rosa”

Craveiro, dá-me uma rosa
Mas não qualquer, General:
Que eu quero, Craveiro, a rosa
Mais linda de Portugal!

Não me dê rosa de sal.
Não me dê rosa de azar.
Não me dê Craveiro, rosa
Dos jardins de Salazar!

A Portugal mando um cravo.
Mas não qualquer, General:
Mando o cravo mais bonito
Da minha terra natal!

Não cravo de Juscelino,

²³ Cartas de 6 ago. e 2 set. 1964.

²⁴ Nesta ocasião Casais Monteiro organiza um suplemento à edição do *Jornal do Brasil* de 13 jun. 1957, que registra duas participações de Bandeira: a reprodução do “Soneto a Camões” de *Cinza das Horas* e o artigo “Notas sobre a técnica poética de António Nobre”.

Nem de nenhum general!
 Não cravo (se há lá já cravos!)
 Da futura capital.

Mando o puro cravo branco
 Da pátria não oficial:
 Cravo de amor, – sem política,
 Só de amor, meu General.

Esta intervenção, quando da visita de Craveiro Lopes, por ter acompanhado as dificuldades de escritores portugueses amigos e conhecidos, deixa claro que Bandeira tinha uma consciência muito nítida acerca da natureza do regime de Salazar. Por isso, a carta dirigida a Casais Monteiro, na qual comunica o recebimento de um bilhete de Rodrigues Lapa preocupado com a sorte de Casais e Jorge de Sena quando do golpe militar de 1964, causa surpresa. Ele então aparentemente não se dava conta da gravidade dos acontecimentos.

Em sua biblioteca, Bandeira conservava um exemplar do texto integral da acusação e defesa no processo de Aquilino Ribeiro *Quando lobos julgam a justiça uiva* (1959) relativo aos desdobramentos da apreensão pela PIDE do romance *Quando os lobos uivam* (Ribeiro, 1958)²⁵. Esta edição, registrando o processo, é promovida pelo mensário *Portugal Democrático*, e tem prefácio de Casais Monteiro. Mas, mais interessante, acompanha o exemplar, impresso em página avulsa, o poema “Maldição” de Jaime Cortesão, originalmente dado à estampa no jornal clandestino *A Verdade*, em janeiro de 1934 – e que não conheceria edição em Portugal senão quando da Revolução dos Cravos, quarenta anos mais tarde. No verso da folha volante a conclamação: “Brasileiros! Vós que sois livres, ajudai-nos a libertar um povo que vive escravizado há 33 anos. Olhai com simpatia a nossa causa. *Portugal Democrático*”.

10 Os diálogos poéticos com Alberto de Serpa e Jorge de Sena

Como conclusão a estes registros das relações entre Bandeira e os escritores portugueses dois diálogos poéticos: o primeiro com a resposta de Manuel Bandeira a um poema de Alberto de Serpa, o outro a resposta de Jorge de Sena a um célebre poema de Bandeira.

²⁵ O romance foi publicado no Brasil com introdução de Casais Monteiro (Ribeiro, 1959).

Nos anos de 1950, Alberto de Serpa surpreende com seu *Almanaque de Lembranças Luso Brasileiro* (Serpa, 1954), que recebe calorosa acolhida, tanto de Bandeira quanto de Drummond. Em versos de circunstância saúda os amigos portugueses e brasileiros em registros muito felizes, como este, no qual lamenta a impossibilidade de encontrar-se com o poeta de Pasárgada:

“Choro para Manuel Bandeira”

Vate Bandeira, Manú Bandeira,
- é dura, a vida. Que dura, a vida!
Não há maneira, de que maneira
Ir à viagem tão requerida?

A vida avança. Como ela avança
nesta paragem! Nesta paragem,
Uma esperança: só a esperança
para a mais certa, longa viagem.

Ai, há tanto ano! Ai, há quanto ano
quero este abraço! Jamais te abraço.
Mais desengano. Que desengano
me deixa a vida, sem este passo!

Tanto queria...Como queria
ver nesses sonhos realidade:
saber contigo como é Poesia,
saber contigo como é Bondade!

“Resposta a Alberto de Serpa”

Saber comigo como é Poesia?...
Saber comigo como é Bondade?...
Pois quem mais sabe como é Poesia,
pois quem mais sabe como é Bondade
do que tu mesmo, bom e grande Alberto
de Serpa, amigo de peito aberto
para os amigos de longe ou perto,
querido Alberto, fraterno Alberto?

E a resposta de Jorge de Sena ao poema de Bandeira

“Preparação para a Morte”

A vida é um milagre.

Cada flor,

Com sua forma, sua cor, seu aroma,

Cada flor é um milagre.

Cada pássaro,

Com sua plumagem, seu voo, seu canto,

Cada pássaro é um milagre.

O espaço, infinito,

O espaço é um milagre.

O tempo, infinito,

O tempo é um milagre.

A memória é um milagre.

A consciência é um milagre.

Tudo é milagre.

Tudo, menos a morte.

-Bendita a morte, que é o fim de todos os milagres.

“Nos setenta e cinco anos do poeta”²⁶

Em teu último poema, tu dizias

da morte, que não é milagre algum,

e antes o fim de todos os milagres.

Olhava-la nos olhos, com coragem

de quem muito viveu com as palavras.

De um milagre, porém, porque escrevias,

tu te esqueceste, poeta de Pasárgada,

e que a morte nada contra ele pode.

Porque escrever é morte, mas o escrito,

se o foi por ti, Manuel, não morre mais.

15/5/1961

Referências

AA.VV. *A Teixeira de Pascoes*. Coimbra: Academia, 1951.

²⁶ Inserido em Sena (1982, 1988); e cujo recebimento Bandeira agradece em carta de 22 de maio de 1961.

- ANDRADE, C. D. de. *O observador do escritório*. Rio de Janeiro: Record, 1985.
- ANDRESEN, S. M. B.; SENA, J. de. *Correspondência 1959-1978*. 3 ed. Lisboa: Guerra e Paz, 2010.
- BANDEIRA, M. (org.). *Sonetos completos e poemas escolhidos de Antero de Quental*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1942.
- BANDEIRA, M. (trad.). *Macbeth*. Int. Ruben A. Lisboa: Presença, 1964.
- BANDEIRA, M. (trad.). *Macbeth*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.
- BANDEIRA, M. (trad.). *Maria Stuart*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955.
- BANDEIRA, M. A autoria das Cartas Chilenas. *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 22, p. 1-25, abr. 1940.
- BANDEIRA, M. *De poetas e de poesia*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1954.
- BANDEIRA, M. Desafio. Canção. *Revista de Portugal*, Lisboa, v. I, n. 4, p. 511-512, jul. 1938.
- BANDEIRA, M. Dois poemas. *Descobrimento*, revista de cultura, Lisboa, v. I (4), p. 465-70, inverno 1931.
- BANDEIRA, M. Eu vi a Rainha. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 out. 1957.
- BANDEIRA, M. *Mafuá do malungo*. 2. ed. Rio de Janeiro: São José, 1954.
- BANDEIRA, M. Noturno do morro do encanto. *Távola Redonda* – Folha de poesia, Lisboa n. 18, p. 1, 30 nov. 1953.
- BANDEIRA, M. O homem e a morte. *Província de São Pedro* – Revista de difusão literária e cultural, Porto Alegre, n. 4, p. 13-14, mar. 1946.
- BANDEIRA, M. *Obras completas*. Rio de Janeiro: José Aguilar. 1959. v. 2.
- BANDEIRA, M. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1948.
- BANDEIRA, M. Poetas portugueses. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 122, fev. 1936.
- BANDEIRA, M. Soneto inglês. *Presença* – Revista de arte e crítica, Lisboa, a. XII, série II (1), p. 42, nov. 1939.

BANDEIRA, M. Vou-me embora p'ra Pasárgada. *Távola Redonda* – Folha de poesia, Lisboa n. 9, p. 14, 13 dez. 1950.

CORTESÃO, J. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores/Instituto Rio Branco, 1952.

CORTESÃO, J. *Cabral e as origens do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1944.

CORTESÃO, J. *Raposo Tavares e a expansão territorial do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Serviço de Documentação, 1958.

DOREN, M. V. *Four great tragedies: Hamlet, Romeo and Juliet, Julius Cesar, Macbeth*. New York: Pocket Books, 1948.

FIGUEIREDO, F. de (org.). *Prosas escolhidas de Antero de Quental*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal. 1942.

FIGUEIREDO, F. de. *Um colecionador de angústias*. São Paulo: Nacional. 1951.

GALHOZ, M. A. (org.). *Fernando Pessoa obra poética*. Rio de Janeiro: Liv. José Aguilar. 1960.

LAPA, M. R. (org.). *Tomás António Gonzaga poemas cartas chilenas*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1957.

MONTALVOR, L. de; SIMÕES, J. G. (org.). *Poemas de Fernando Pessoa*. Lisboa: Ática. 1942.

MONTEIRO, A. C. (org.). *A poesia da presença*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1959.

MONTEIRO, A. C. (org.). *Fernando Pessoa Antologia*. Lisboa: Confluência, 1942. 2 v.

MONTEIRO, A. C. (org.). *Poesia de Manuel Bandeira*. Lisboa: Portugália, 1968.

MONTEIRO, A. C. *A poesia de Ribeiro Couto*. Coimbra: Presença, 1935.

MONTEIRO, A. C. *Estudos sobre a obra de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

MONTEIRO, A. C. *Manuel Bandeira: estudo de sua obra poética seguido de uma antologia*. Lisboa: Inquérito, 1943.

MONTEIRO, A. C. O exemplo de Fernando Pessoa. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, a. VII, n. 7, p. 215, abr. 1938.

MONTEIRO, A. C. *O Romance (Teoria e Crítica)*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1964.

MORAES, M. A. de (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp/IEB, 2000.

MOREIRALEITE, R. (org.). *Correspondência Casais Monteiro e Ribeiro Couto*. São Paulo: Unesp, 2016.

MUIR, K. (ed.). *Macbeth*. London: Arden, 1951.

OLIVEIRA, J. O. de. (org.) *Líricas brasileiras: séculos XIX e XX*. Lisboa: Portugália, 1954.

OLIVEIRA, J. O. de. (org.). *Pequena antologia da moderna poesia brasileira*. Lisboa: Atlântico/SNI, 1944.

OLIVEIRA, J. O. de. Balanço de um ano. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, a. V, n. 5, p. 132-3, fev. 1936a.

OLIVEIRA, J. O. de. Os escritores exilados. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, a. V, n. 7, p. 172-3, abr. 1936b.

PEDRO, A. (trad.). *A tragédia de Macbeth/Shakespeare*. Porto: Círculo de Cultura Teatral, 1956.

PENNAFORT, O. (trad.). *Othello*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

PENNAFORT, O. (trad.). *Romeu e Julieta*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1940.

QUEIROZ, C. Fragmentos de algumas cartas de amor de Fernando Pessoa. *Presença – Folha de arte e crítica*, Coimbra, n. 48, p. 2-3, jul. 1936.

RAMOS, P. E. da S. (trad.). *Hamlet*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

RIBEIRO, A. *Quando os lobos julgam a justiça uiva*. São Paulo: Liberdade e Cultura, 1959a.

RIBEIRO, A. *Quando os lobos uivam*. Lisboa: Bertrand, 1958.

- RIBEIRO, A. *Quando os lobos uivam*. São Paulo: Anhambi, 1959b.
- SÁ-CARNEIRO, M. de. *Dispersão*. 2 ed. Coimbra: Presença, 1939.
- SÁ-CARNEIRO, M. de. *Indícios de ouro*. Porto: Presença, 1937.
- SANTOS, G.; COELHO, E. dos S. Seniana – Inéditos: Correspondência Jorge de Sena – Manuel Bandeira. *Metamorfozes*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 245-65, set. 2003.
- SARAIVA, A. *O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português: subsídio para o seu estudo e para a história de suas relações*. Porto: [s. n.], 1986.
- SENA, J. de (org.). *Páginas de doutrina estética*. Lisboa: Inquérito, 1946.
- SENA, J. de. *Da poesia portuguesa*. Lisboa: Ática, 1959.
- SENA, J. de. O Manuel Bandeira que conheci e que admiro. In: *Estudos de cultura e literatura brasileira*. Lisboa: Ed. 70, 1988.
- SENA, J. de. *Visão perpétua*. Lisboa: IN-CM, 1982.
- SERPA, A. de (org.). *As melhores poesias brasileiras*. Lisboa: Portugália. 1943.
- SERPA, A. de. *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*. Lisboa: Inquérito, 1954.
- SILVA, A. da. *Um Fernando Pessoa*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro. 1959.
- SIMÕES, J. G. Apresentação de Fernando Pessoa. *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, 3ª série, a. I, n. 5, p. 447-460, nov. 1938.
- SOUSA, L. A. de. Alberto de Lacerda e o Brasil. *Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 180, p. 103-115, mai.-ago. 2012.
- WALLESTEIN. Quais os planos do serviço de Teatro da Fundação Gulbenkian? *O Tempo e o Modo*, Lisboa, n. 50-51-52-53, p. 604, jul.-out. 1967.

Data de submissão: 25/07/2023.

Data de aprovação: 27/09/2023.